

Apresentação do dossiê

Teorias Críticas Decoloniais: perspectivas analíticas sobre realidades tensionadas entre colonialidade-decolonialidade

Organizadores

Bruno Ferreira Freire Andrade Lira (UEM, Universidade Estadual de Maringá)

Rogério de Souza Medeiros (UFPB, Universidade Federal da Paraíba)

Introdução

O presente dossiê é um dos resultados de uma pesquisa colaborativa¹, realizada por nós, Rogério Medeiros e Bruno Lira (2020), gestada no interior do Grupo de Estudos e Pesquisas em Sociologia Política, do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba. (GRESPP/PPGS/UFPB). Iniciamos essa construção, decorrente de inquietações oriundas da tese de doutoramento de Bruno Lira (2020), elaborada sob a orientação de Rogério Medeiros, que gerou a disciplina de Pensamento pós-colonial latino-americano e caribenho e a perspectiva decolonial, ministrada no primeiro semestre de 2021 no próprio PPGS/UFPB. Na ocasião, revisitamos juntamente com diversos/as estudantes e docentes convidados/as o chamado pensamento decolonial, desde a emergência com o grupo Modernidade/Colonialidade (M/C), até as críticas surgidas a posteriori. A partir desta revisão crítica sistemática realizada de forma coletiva, temos proposto uma ampliação da leitura buscando abranger a pluralidade e diversidade que caracterizam o arcabouço de saberes produzidos dentro da América Latina e Caribe, estes oriundos das diversas lutas sociais contra as formas de violência/exploração/opressão, denominando-a de Teorias Críticas Decoloniais.

O pensamento decolonial, que emergiu na década 1980 a partir do grupo M/C, tem se caracterizado por diferentes giros decoloniais ao longo dessas últimas quatro décadas. Entre questionamentos e reafirmações, podemos testemunhar um espraiamento de redes de investigação bastante plurais e diversas. Nesse sentido, a partir da identificação de Teorias Críticas Decoloniais, queremos problematizar a forma como esta ecologia de saberes tem proposto novos aportes teórico-analíticos dentro de realidades tensionadas entre colonialidade-decolonialidade. Assim buscamos somar dentro de um hall de autores/as brasileiros/as que têm empreendido uma reflexão crítica consistente acerca desse debate (Martins, 2020; Miglievich-ribeiro, 2014; Bal-lestrin, 2017).

1 A pesquisa em questão intitula-se “Disputas pelo Estado brasileiro – uma análise sociológica acerca do enfrentamento das desigualdades sociais dentro da tensão colonialidade-decolonialidade” realizada entre os anos de 2021 a 2022 como projeto orientador de pós-doutoramento de Bruno Lira sob a supervisão de Rogério Medeiros dentro do PPGS/UFPB.

A perspectiva decolonial emerge a partir do grupo Modernidade/Colonialidade (M/C), em meados dos anos 1990, composto de destacados investigadores latino-americanos e caribenhos, como A. Quijano (2000), W. Mignolo (2017), E. Dussel (2000), entre outros. Apoiados pelas perspectivas dos estudos pós-coloniais, do pós-estruturalismo, do dependentismo marxista e da teologia da libertação, os intelectuais em questão tratam de empreender uma consistente crítica ao ideal eurocêntrico de modernidade. Aqui identificam uma romantização do moderno, baseada em uma narrativa de missão civilizatória, que propaga a ideia de progresso e civilidade como justificativa para a colonização de outros povos e territórios. O que se verifica são processos de subjugação, violência, genocídio e desumanização a partir da racialização, enquanto processo de construção de classificações e hierarquizações naturalizadas que marcaram - e seguem marcando - profundamente tanto as estruturas sociais, quanto as formas de sociabilidade e subjetividade das coletividades submetidas à condição de colônia. É a partir disso que Quijano (2010) cunha o termo 'colonialidade de poder', ou seja, uma matriz de poder colonial que permanece colonizando a vida social através de estruturas hierárquicas e de classificação social que imputa sujeitos superiores e inferiores - mesmo após a independência das colônias. A partir desta concepção, em que a exploração de classe na América Latina e Caribe se desenvolve a partir de uma matriz racializada, a rede M/C trata de aprofundar mais dois conceitos referentes: a colonialidade do saber e do ser (Castro-Gomez; Grosfoguel, 2005). Enquanto o primeiro trata de como o pensamento moderno ocidental se transformou na única forma de conhecimento reconhecida e legitimada, produzindo uma dominação intelectual, o segundo refere-se ao *ego cogito*, ou seja, como a partir do Iluminismo se estabeleceu a separação entre mente e corpo, determinando a razão enquanto faculdade humana superior e unicamente dominada pelo homem/branco/cristão/europeu, imputando aos demais corpos - negros, indígenas, feminilidades, LGBTQIA+, pobres - marcas sociais de uma condição de não-ser (Fanon, 2008).

O aprofundamento da reflexão acerca das colonialidades do poder, saber e ser possibilitou então uma diversidade de elaborações críticas, constituída por meio de múltiplas redes de investigação e colaboração intelectual. Podemos destacar aqui pelo menos quatro linhas de estudo: i) o debate do pós-desenvolvimento e do *bien vivir* (Escobar, 2010; Cubillo-Guevara; Hidalgo-Capitán; Dominguez-Gomez, 2014; Cusiquanci, 2017), dando centralidade às cosmovisões indígenas/andinas, com destaque para o meio ambiente e a urgência na sua proteção assim como a vivência comunitária e os saberes tradicionais; ii) o pensamento afrodiaspórico latino-americano e caribenho (Bernardino-Costa; Maldonado-Torres; Grosfoguel, 2018), que trata de refletir uma identidade negra plural que se constitui enquanto forma de r-existência surgida na região; iii) o feminismo decolonial (Curiel, 2013; Lugones, 2019; Segato, 2014), perspectiva crítica ao feminismo liberal que busca visibilizar os saberes e demandas de diferentes feminilidades, seja do feminismo negro, chicano, lesbofeminismo, comunitário, camponês, entre outros; iv) e a educação intercultural e decolonial (Walsh, 2017), que apoiada em Paulo Freire, José Martí e Orlando Fals Borda, explora as potencialidades da educação popular dialógica e ativa.

Estes múltiplos saberes, diversos entre si, que identificamos como Teorias Críticas Decoloniais, não se restringiram apenas a debater sobre a colonialidade - seja do poder, do saber, do ser e de gênero - mas procuraram dar centralidade à decolonialidade e às formas de r-existência (Mignolo; Walsh, 2018). Aqui tratou-se da visibilização de sujeitos subalternizados, em condições materiais e simbólicas assimétricas, que promovem giros e atitudes decoloniais, ou seja, movimentos de ruptura e questionamento das situações coloniais. A ecologia de saberes pauta-se nos conhecimentos gerados a partir das experiências das lutas sociais contra as formas de opressão e subordinação que historicamente marcaram - e que se transformam e se prolongam até o presente - de maneira profunda a vida social, política e cultural nas coletividades colonizadas. Diante

disso, as Teorias Críticas Decoloniais têm se forjado dentro de uma fratura colonial (Lugones, 2019), que de forma concomitante tanto produz a colonialidade que perpetua o par privilégio-opressão², quanto dá origem a movimentos contrários a isso, em direção à decolonialidade e suas r-existências³ (Medeiros; Lira, 2023). As diferenças coloniais aqui são imputadas enquanto marcadores sociais de desigualdades interseccionais (Gonzalez, 2020; Collins; Bilge, 2020) que produzem a intersecção de múltiplas formas de opressão – racismo, misoginia, transfobia, aporofobia -, porém estas marcações podem e tem sido ressignificadas de forma positiva em um processo de autorreconhecimento e valorização sociocultural e política⁴. É sobre essas realidades tensionadas entre colonialidade e decolonialidade, situadas em relações assimétricas de poder, que convidamos a refletir a partir de uma miríade de artigos que tratam de realidades pluriversais, a partir das Teorias Críticas Decoloniais.

O primeiro artigo, de autoria de Lucas Trindade da Silva, *Colonialidade como fato social total*, reflete criticamente como se constrói a contundente teoria social da colonialidade de Aníbal Quijano, promovendo um diálogo com autores canônicos da teoria social, como Marcel Mauss e Claude Lévi-Strauss, para assim compreender continuidades e rupturas, premissas conceituais e seus desdobramentos.

Em seguida, temos o texto de Rafael Marino, *AS VIAGENS DE CALIBAN NA AMÉRICA LATINA: UM ESTUDO COMPARADO ENTRE OSWALD DE ANDRADE E AIMÉ CÉSAIRE*, que na sua busca por compreender as várias identidades que compõem este ente chamado de América Latina e Caribe, recorre de forma crítica à figura do Caliban, refletida a partir dos escritos e pensamentos de Oswald de Andrade e Aimé Césaire.

O terceiro trabalho, escrito em forma colaborativa por Paulo Renato Vitória e Iracy Marques, intitulado *A incorporação do ODS 16 pelo Judiciário Brasileiro: possibilidades e limites à luz de uma perspectiva decolonial*, trata de explorar o conceito dos objetivos de desenvolvimento sustentável (ODS) a partir da crítica à visão ocidental de universalidade dos Direitos Humanos apoiada na colonialidade de Quijano.

Em *Desconstrução dos ideários capitalistas de desenvolvimento e modernização na América Latina: a perspectiva crítica decolonial*, as autoras Luciana Lenoir, Maria da Luz Alves e Maria Janine Dalpiaz, apresentam uma revisão sistemática do debate sobre a noção de desenvolvimento dentro da América Latina e Caribe, e como esta temática se vincula ao estabelecimento de uma modernização conservadora.

O quinto artigo, produzido por Bruna Ribeiro Troitinho, *As contribuições do pensamento haitiano para o giro decolonial: Barão de Vastey, Anténor Firmin, Louis-Joseph Janvier e Hannibal Price*, foca em apresentar destacadas contribuições de autores que produziram uma crítica decolonial, e que só receberam reconhecimento tardiamente. O Haiti, palco da primeira luta por independência vitoriosa na região, levada a cabo pela população escravizada, tem em sua história importantes intelectuais negros que contribuíram com a formulação de ecologias de saberes, e aqui temos a oportunidade de conhecer alguns deles.

2 O par privilégio-opressão refere-se a uma chave analítica que esmiúça a permanência da colonialidade, ou seja, como o sistema-mundo moderno/capitalista/colonial permanece alicerçado em uma estrutura social desigual em que uns poucos mantêm seus privilégios sob a opressão e violência de vários, uma massa subjugada e mantida em condições de vulnerabilidade.

3 O ato de resistir é também uma forma de existir, e isso se dá a partir de giros e atitudes decoloniais, trata-se de questionar, lutar, reivindicar e se visibilizar valorizando como cada grupo social se reconhece.

4 Destacamos aqui os movimentos sociais negros e indígenas e suas lutas de reconhecimento.

O sexto artigo, escrito de forma colaborativa entre Heloisa Helena de Oliveira Santos e Mi Medrado, com o título *Moda e Decolonialidade: Colonialismo, vestuário e binarismo*, trata de explorar criticamente o binarismo moda *versus* indumentária/traje, enquanto espaço ocupado pela tensão colonialidade-decolonialidade, em que matrizes de poder colonial reproduzem formas de dominação e classificação social, mas também permitem r-existências, reemergências e ressignificações.

O sétimo artigo, produzido a várias mãos por Marília Passos, Amanda Lima e Tabata Moreira, intitulado *Afrofem: uma experiência de pedagogia dialógica e feminismos afrodiáspóricos no Sertão do Nordeste*, oferece um relato de experiências ocorridas no IF Sertão-PE (Instituto Federal do Sertão Pernambucano), promovidas pelo coletivo Afrofem. No artigo, as autoras expõem a urgência em debater temas raciais e de gênero desde a educação básica. Revelam que a partir de rodas de diálogo e da perspectiva dialógica freireana pode-se construir formas de pensamento crítico.

O oitavo artigo, escrito por Michele Guerreiro Ferreira e Janssen Felipe da Silva, com o título *Apontamentos para Compreensão dos Currículos Colonizado(re)s e para a Construção de uma Pedagogia Decolonial e Antirracista*, trata de refletir criticamente a necessidade de repensar os currículos escolares visto que estes estão fundados em elementos de colonialidade.

O nono artigo, elaborado por Maria Eduarda Pereira Leite, intitulado *É Possível Decolonizar as Políticas Públicas Educacionais Promotoras de Jornada Ampliada para O Ensino Médio?*, contribui com uma importante e atual discussão sobre as escolas em tempo integral, questionando a partir da matriz decolonial os limites e possibilidades dessa política pública educacional.

O décimo artigo, elaborado em espanhol por **DINÉIA GHIZZO NETO FELLINI ET AL.**, intitula-se *Decolonizar la educación: notas introductorias para re-pensar la educación para Sordos*, e preenche uma importante lacuna, que é refletir sobre a educação especial e inclusiva, em particular para indivíduos surdos. Aqui explora-se criticamente como essa pedagogia é construída apontando para insuficiências a partir de uma lente decolonial.

O décimo primeiro artigo é de autoria de Guilherme Carvalho de Paiva, *O feminismo decolonial de María Lugones: colonialidade, gênero e interseccionalidade*, que apresenta uma reflexão crítica acerca do trabalho de Lugones, promovendo aproximações e diálogos com a perspectiva da interseccionalidade. Ademais, não somente aponta para a colonialidade de gênero, mas traz as r-existências através de práticas sociais e políticas a partir da produção intelectual negra.

O décimo segundo artigo, de autoria de Rafaela Arenari e Mauro Macedo Campos, *Bruxas e seus saberes ancestrais: um olhar a partir das perspectivas feministas decoloniais*, compartilha uma potente reflexão relacionando a colonialidade de gênero à construção da figura mítica da bruxa, enquanto estereótipo e mecanismo de controle de seus corpos.

O décimo terceiro artigo consiste em uma entrevista realizada pelos autores do dossiê com o Prof. Paulo Henrique Martins, ex-presidente da Associação Latinoamericana de Sociologia (ALAS), um pensador de fronteiras que tem dado destacada contribuição tanto para a construção crítica da realidade social, quanto para o próprio fortalecimento de uma teoria social plural na América Latina e Caribe.

Referências

- BALLESTRIN, Luciana. Modernidade/Colonialidade sem Imperialidade? O Elo Perdido do Giro Decolonial. **DADOS**, v. 60, p. 505-540, 2017.
- BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFUGUEL, Ramón. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2018
- CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFUGUEL, Ramon. (coords.). **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre, 2007
- COLLINS, Patricia H; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2020
- CUBILLO-GUEVARA, Ana Patricia; HIDALGO-CAPITÁN, Antonio Luis; DOMINGUEZ-GOMEZ, José Andrés. El pensamiento sobre el Buen Vivir. Entre el indigenismo, el socialismo y el posdesarrollismo. **Revista del CLAD Reforma y Democracia**, núm. 60, octubre, 2014, pp. 27-58
- CURIEL, Ochy. **La Nación Heterosexual Análisis del discurso jurídico y el régimen heterossexual desde la antropología de la dominación**. Bogotá, 2013
- CUSICANQUI, Silvia. **Um mundo ch'ixi es posible. Ensayos desde um presente em crisis**. Buenos Aires, 2017
- DUSSEL, E. Europa, modernidad y eurocentrismo. In: LANDER, E. (comp.). **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales, perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: Clacso, 2000, p. 41-53.
- ESCOBAR, Arturo. **Una minga para el postdesarrollo: lugar, medio ambiente y movimientos sociales en las transformaciones globales**. 2010
- FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EdUFBA, 2008.
- GONZALEZ, Lélia de Almeida. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano**. RIOS, F.; LIMA, M. (Org.) 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- LIRA, Bruno F. F. A. **Desenvolvimento e classes sociais no Brasil – uma análise da segunda experiência desenvolvimentista a partir da tensão colonialidade/decolonialidade**. 2020. Tese (Doutorado em Sociologia) - PPGS/UFPB, João Pessoa-PB
- LUGONES, María. Rumo a um feminismo decolonial. In: HOLLANDA, H. B. de (org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019
- MARTINS, Paulo Henrique. **Teoria crítica da colonialidade**. Ateliê das Humanidades, 2020.
- MEDEIROS, R. S. ; LIRA, B. F. F. A. A leitura do par privilégio-opressão no contexto pandêmico brasileiro pelas Teorias Críticas Decoloniais. **Análise Social** (Lisboa), 2023.
- MEDEIROS, R. S. ; LIRA, B. F. F. A. Caminhos da reprodução da colonialidade: experiência desenvolvimentista e reação conservadora sob a tensão colonialidade/decolonialidade. **REPAM**, v. 14, p. 250-286, 2020.
- MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adelia. Por uma razão decolonial: Desafios ético-político-epistemológicos à cosmovisão moderna. **Civitas, Rev. Ciênc. Soc.**, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 66-80, abr. 2014.
- MIGNOLO, Walter D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **Rev. bras. Ciências Soc.**, São Paulo, v. 32, n. 94, 1-18, jun. 2017.
- MIGNOLO; WALSH. **On decoloniality: concepts, analytics, praxis**. Durham : Duke University Press, 2018.
- QUIJANO, A. El fantasma del desarrollo en América Latina. **Revista Venezolana de Economía y Ciencias Sociales**, Caracas, vol 6, n. 2, p. 73-90, 2000.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do Poder e classificação social. In: SANTOS, B de S; MENESES, M P (Org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010, p. 84-130.
- SEGATO, Rita. Colonialidad y patriarcado moderno: expansión del frente estatal, modernización, y la vida de las mujeres. In: MIÑOSO, Y. E.; CORREAL, D. G.; MUÑOZ, K. O. (orgs). **Tejiendo de otro modo: Feminismo, epistemología y apuestas descoloniales en Abya Yala /- Popayán: Editorial Universidad del Cauca**, 2014, p. 75-90
- WALSH, Catherine. **Pedagogías Decoloniales: Prácticas Insurgentes de resistir, (re)existir e (re)vivir**. Serie Pensamiento Decolonial. Editora Abya-Yala. Ecuador, 2017.